

Uma ‘Maravilha’ de cenário: a construção de uma nova identidade para a Zona Portuária no Rio de Janeiro

A “Wonderful” scenery: the construction of a new identity for Rio de Janeiro’s Port Area

Una “Maravilla” de senario: la construcción de una nueva identidad para la Zona Portuaria do Rio de Janeiro

DA ROCHA, Ana Beatriz; PhD; Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. (PROURB/ FAU/ UFRJ)

tiz.darocha@gmail.com

REIS, Paulo; PhD; Agência UFRJ de Inovação. Universidade Federal do Rio de Janeiro (AGÊNCIA/ UFRJ)

paulo@inovacao.ufrj.br

Resumo

Após décadas investindo em empreendimentos culturais espetaculares – que aliados ao processo de gentrificação impulsionam ciclos de investimento/ especulação – surgem os mega-eventos como uma alternativa para se justificar grandes transformações urbanas. Neste sentido, a Zona Portuária no Rio de Janeiro vem sofrendo transformações físicas e simbólicas significativas. Mas como criar uma nova identidade para uma área tão complexa, tão repleta de culturas, tradições e histórias? Nossa intenção é discutir como a Zona Portuária do Rio de Janeiro vem se adequando aos discursos contemporâneos de ‘regeneração urbana’, cujo foco é promover tais mega-eventos e criar uma imagem cosmopolita para as cidades.

Palavras-chave: Cultura. Turismo. Identidade

A ‘Wonderful’ scenery: the construction of a new identity for Rio de Janeiro’s Port Area

Abstract

After decades investing in spectacular cultural buildings – that, together with the gentrification process, promote cycles of investments/ speculation – the mega-events come as an alternative to justify major urban transformations. In this sense, Rio de Janeiro’s Port Area has been significantly transformed. But how to create a new identity for an area so complex, so full of culture, traditions and history? Our intention is to discuss how the Port Area in Rio de Janeiro has been transformed according to

contemporary urban regeneration discourses, which focus on promoting mega-events and creating a cosmopolitan image for cities.

Keywords: *Culture. Tourism. Identity.*

Una ‘Maravilla’ de senario: la construcción de una nueva identidad para la Zona Portuaria do Rio de Janeiro

Resumen

Después de décadas promoviendo la construcción de edificios culturales espectaculares – que, así como el proceso del gentrificación, promueven ciclos de investimento e especulación – los mega-eventos aparecen como una alternativa para justificar transformaciones urbanas importantes. En este sentido, la Zona Portuaria de Rio de Janeiro se ha transformado su carácter físico e simbólico perceptiblemente. ¿Pero como crear una nueva identidad para una área que es tan compleja, tan llena de cultura, de tradiciones y de historia? Nuestra intención es discutir como la Zona Portuaria en Rio de Janeiro se ha transformado según los discursos urbanos contemporáneos de la regeneración, que se centran en promover mega-eventos y en crear una imagen cosmopolita para las ciudades.

Palabras clave: *Cultura. Turismo. Identidad*

1 Introdução: cultura e regeneração urbana

Desde os anos 1990, ‘cultura’ vem sendo um importante elemento nas políticas de regeneração urbana. Mais do que simplesmente investir em (novos) espaços/ equipamentos culturais como praças, teatros, cinemas, museus, etc., promover espetáculos e entretenimento, ou criar subsídios para a produção/ disseminação de tais práticas, estas ‘políticas regeneradoras’ incluem, sobretudo, transformações físicas e simbólicas no tecido urbano. Aliadas à inserção de arquiteturas espetaculares em áreas (centrais) degradadas, estas políticas promovem uma completa ressignificação dos espaços públicos, que passam a ser identificados como ‘bens de consumo’ (cultural) avidamente consumidos por um público cada vez maior e mais diversificado.

Como parte das políticas neoliberais vigentes, políticos e investidores vêm adotando amplamente o discurso de como a transformação (física e simbólica) de áreas degradadas e a criação de novas identidades para as cidades impulsionam um novo ciclo de investimentos/ especulação – que eventualmente levaria à prosperidade econômica. Seguindo esta lógica, grandes projetos de regeneração urbana vêm sendo comissionados, desenvolvidos e implementados com o intuito de não só ‘consertar’ políticas urbanas ineficientes, mas sobretudo reverter o processo de declínio socioeconômico visto em cidades pós-industriais como Londres, Barcelona, Paris, Rotterdam, Bilbao, dentre muitas outras.

Segundo Harvey (1989), um dos principais aspectos deste fenômeno é a (re)invenção das cidades através do (re)desenho de suas áreas vazias, onde novas arquiteturas (espetaculares) e a ressignificação dos espaços públicos degradados visam alterar a imagem do lugar – algo que Vaz (2004) define como ‘culturalização’ do planejamento e da cidade. Estes ‘novos’ espaços reconfigurados passam a atrair um novo público e, conseqüentemente, inicia-se um novo ciclo de capital. De forma

a impulsionar o consumo destes ‘novos’ lugares, surge uma série de ‘rótulos’ como, ‘capital cultural’, ‘capital criativa’, ‘cidades inteligentes’, etc.. que passam a ser bastante disputados, gerando uma grande competitividade entre as cidades.

Evidentemente que este processo de transformações leva a um outro processo, mais fortemente calcado nas possibilidades econômicas/ especulativas do que necessariamente nas potencialidades históricas e culturais do lugar. O processo de gentrificação¹, como Zukin (1990) descreve, se reproduz sistematicamente não porque é bom, mas porque permite que esta dinâmica (i.e. o processo cíclico de investimento/ especulação) perdure, aumentando exponencialmente o valor do capital investido. Neste sentido, a maioria dos projetos de regeneração urbana propostos (e amplamente impostos) tende a seguir uma fórmula que aposta na espetacularidade das arquiteturas, na diversidade/ quantidade dos eventos (culturais) propostos e na atratividade (visual) dos espaços revitalizados, contribuindo para o aumento do turismo.²

Entretanto, com a crise mundial em 2008, esta fórmula sofreria mudanças significativas, tendo em vista a dificuldade de se conseguir subsídios (sobretudo financeiros) para sustentar esta constante oferta/ consumo de produtos culturais. Ou seja: depender apenas de cultura e da constante produção/ consumo de produtos culturais, ou criar (novos) equipamentos culturais espetaculares cuja principal função é incluir as cidades no panorama (cultural) internacional não garante a sobrevivência destas políticas regeneradoras. Mesmo considerando os processos de gentrificação, de especulação imobiliária e o aumento na atividade turística, tais políticas tiveram que se ajustar à nova realidade. Assim, um novo ‘modelo’ de regeneração urbana surge, fortemente calcado na promoção e realização de mega-eventos. A disputa agora é para sediar estes eventos e explorar marcas altamente rentáveis como ‘Fifa World Cup’, ‘Jogos Olímpicos’, encontros do G-20, Rock’n’Rio Festival, etc.. e com isso se ‘reinventar’ de acordo com as exigências específicas de cada um destes eventos.

Mas estes processos de reinvenção não são impunes – particularmente se considerados como padrões culturais existentes são manipulados de forma a promover uma nova identidade para as cidades. E é isso que torna interessante o processo de transformação que vem acontecendo na Zona Portuária no Rio de Janeiro.

2 Cultura, mega-eventos e regeneração urbana: a mesma fórmula, conceitos diferentes

A cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para sediar uma série de mega-eventos, notavelmente a Copa do Mundo FIFA, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016

¹ Sob diferentes perspectivas, Sharon Zukin (1990) e Bourdieu (2004) descrevem este processo como uma consequência dos padrões consumistas que, apesar de ter suas origens nos anos 1950, se intensificou na década de 1970, devido ao alto consumo de bens materiais e de serviços. Um outro fator importante é o estilo de vida dessa “classe social” (os “gentrifiers” ou “petty bourgeoisie”) que preza o consumo de bens materiais caros, influenciando não só modas e gostos, mas também os usos, as formas e as aparências dos espaços urbanos. O circuito de capital nessas áreas gentrificadas acontece, sobretudo, pela influência (em diversos níveis) desta classe social.

² Bianchini & Parkinson (1993), Marshall (2001), Richards, Aitchison, Tallon (2007), dentre outros, abordam como projetos espetaculares contribuíram para a criação de uma nova identidade do lugar via turismo.

– algo que vem mudando consideravelmente o caráter da cidade devido às grandes obras de infraestrutura e construção de equipamentos esportivos. Entretanto, estas transformações não são apenas físicas; elas incluem também a (re)ordenação, (re)valorização e (re)significação do patrimônio material e imaterial da cidade. A ‘Operação Urbana Porto Maravilha’, aprovada pela Lei Complementar Municipal 101/2009, tem como objetivo reinventar a imagem da cidade via a criação de novos equipamentos urbanos e arquiteturas espetaculares, melhor infraestrutura e, mais especificamente, pela completa reestruturação da Zona Portuária como uma área turística e de entretenimento.

Mas como ideias sobre cultura e mega-eventos, que são de certa forma conflitantes, podem ser articuladas de modo a promover ações e políticas de regeneração urbana tão complexas como a ‘Operação Urbana Porto Maravilha’? Como se desenham e se projetam esses ideais de cidade; essas novas configurações espaciais onde cultura e mega-eventos fazem parte de uma complexa realidade?

2.1 Processo de transformação da Zona Portuária: ideias e ações

Desde os anos 1980, a Zona Portuária tem sido considerada uma ‘área de interesse’ para projetos de revitalização urbana. Uma série de estudos, propostas, projetos e ações foram apresentadas com o intuito de se ‘regenerar’, ‘revitalizar’, ‘requalificar’ e ‘reconfigurar’ uma vasta área que, de certa forma, vinha passando por um processo de esvaziamento típico das economias pós-industriais. A criação da APA-SAGAS (1988) – uma decorrência da implementação do projeto Corredor Cultural (1984), o Plano de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro (1989) e o Plano de Estruturação Urbana da Zona Portuária (1992), a criação das APACs (1992) e o Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro (2001) ³ foram gradualmente consolidando a ideia de se recuperar (em um sentido amplo da palavra) as potencialidades econômicas, sociais, culturais e históricas da área central do Rio de Janeiro, como também orientariam o caráter das propostas/ investimentos na e para esta região.

Todas estas iniciativas foram importantes, pois estabeleceram parâmetros de intervenção no centro histórico da cidade – que geralmente levava em consideração

³ A APA-SAGAS (Área de Proteção Ambiental – Saúde, Gamboa e Santo Cristo) resultou de uma reivindicação dos moradores locais para proteger o patrimônio histórico (material e imaterial) da região contra o processo de transformação da Zona Portuária em um polo de comércio e serviços (http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_dec_7351_88_sagas.pdf). O Corredor Cultural é uma Lei Municipal que criou diretrizes para a preservação, reconstituição, renovação e revitalização de espaços construídos no centro histórico da cidade (Lapa, Cinelândia, Passeio Público - http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_lei506_84_corredor_cultural.pdf). O Plano de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro, foi outra proposta de se incluir projetos de revitalização e renovação da região da SAGAS (IPLAN RIO, 1989). As APACs, (Áreas de Proteção do Ambiente Construído) foram definidas no Plano Diretor da Cidade (1992), sendo uma consequência da implementação do Corredor Cultural, e inspirada no modelo dos Secteurs Sauvegardés, criando uma grande área de proteção da morfologia e valor cultural das edificações, inicialmente na região central da cidade (incluindo as regiões da Praça Cruz Vermelha, Santa Teresa, Estácio, Rua do Lavradio/ Mem de Sá e adjacências), mas se estendendo até bairros como Copacabana, Urca, São Cristóvão, Laranjeiras etc.. (<http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac.shtm>). O Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro previa a reinserção (econômica, social, cultural e espacial) da zona portuária no tecido urbano da cidade (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2001, p 13)

o rico patrimônio cultural edificado e seu entorno. Entretanto, seria com a proposta para a unidade do Museu Guggenheim, no Píer Mauá (2003), que a região passaria a ter uma visibilidade (na mídia) muito maior, tendo em vista o grande apelo visual da arquitetura projetada por Jean Nouvel e, evidentemente, o seu enorme potencial turístico. Tendo como base os modelos de regeneração urbana fortemente ancorados na implementação de arquiteturas culturais espetaculares e nos investimentos massivos na melhoria da infraestrutura urbana e na reconfiguração/ressignificação de áreas (históricas e/ou pós-industriais centrais) degradadas, a possibilidade de se ter uma unidade da Fundação Guggenheim no Rio de Janeiro parecia ser uma excelente oportunidade para alavancar o tão sonhado 'desenvolvimento' da região.

O sucesso de público da unidade em Bilbao, projeto de Frank Gehry, inaugurado em 1997, levaria a criação de um 'novo' modelo de regeneração urbana: equipamentos culturais (sobretudo museus de arte) seriam propostos como elementos-âncora no processo de revitalização de áreas degradadas, servindo como catalizadores para transformação urbana e gentrificação. Este 'modelo' cuja principal característica era a implementação de arquiteturas espetaculares projetadas por arquitetos espetaculares em lugares não tão espetaculares assim, deu a Bilbao uma projeção internacional comparável a cidades europeias como Paris, Londres, Barcelona, Manchester, dentre outras, que não só estavam passando pelos mesmos problemas de esvaziamento dos seus centros (históricos e industriais) urbanos como também apostaram na 'fórmula' cultura + regeneração urbana para se promoverem mundialmente como 'cidades culturais'. Na verdade, este 'modelo' de regeneração urbana teve início ainda nos anos 1970, em Paris, quando o Presidente Georges Pompidou lançou o concurso para a construção do Centre Beaubourg (rebatizado de Centre d'Art et de Culture Georges Pompidou), projeto de Renzo Piano e Richard Rogers, inaugurado em 1977. Contudo, seria com o Guggenheim Bilbao que a 'fórmula' se consolidaria.

Porém, o plano de se ter um museu espetacular no Rio de Janeiro teve que ser adiado por alguns anos, tendo em vista a forte reação da sociedade contra o projeto do Guggenheim Rio. Um dos principais argumentos era o grande investimento que teria que ser feito para viabilizar o projeto, algo que, para muitos, não respondia aos anseios da população por melhorias na infraestrutura e na reestruturação de toda a Zona Portuária – e não somente no novo museu (EGLER, 2005, pp 12-17). Por outro lado, o argumento relativo ao apelo turístico do museu – e, conseqüentemente, todo o processo de transformação física e simbólica da área – não parecia se sustentar pois, diferentemente de Bilbao, o Rio de Janeiro tinha, em condições precárias, diversos museus que estavam à espera de investimentos e que juntos poderiam contribuir efetivamente para o processo de revitalização do Centro.

O que faltava, portanto, era algum evento de grande porte, de proporções enormes e de grande alcance na mídia para viabilizar o projeto de revitalização da Zona Portuária. Neste sentido, e como descrito anteriormente, a Copa do Mundo FIFA, em 2014 e, mais enfaticamente, as Olimpíadas, em 2016, poderiam 'justificar' grandes investimentos e assim contribuir para a total transformação da região.

2.2 Porto Maravilha: a criação de uma nova imagem e uma nova identidade para a Zona Portuária no Rio de Janeiro

Inicialmente, a Zona Portuária não fazia parte dos planos olímpicos para 2016⁴. O projeto Porto Maravilha, anunciado em 2009 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, tinha a intenção de “reinventar” a zona portuária da cidade como uma área de turismo e de entretenimento, com propostas como: a provisão de novos equipamentos culturais como o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã, na Praça Mauá, e o Aquário Municipal, na Gamboa; a construção de novos edifícios de uso corporativo (se valendo dos CEPACs – Certificados de Potencial Adicional de Construção) ⁵; melhorias na infraestrutura (com a abertura da via Binário do Porto, a implementação de VLTs e a demolição do Viaduto da Perimetral); e a completa reestruturação de usos, formas e funções de armazéns e galpões industriais e também do espaço urbano circundante.



Figura 1: Museu de Arte do Rio (MAR) na Praça Mauá e o futuro terminal do VLT

Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/projEspeciais.aspx>

⁴ A oportunidade de atrair mais investimentos para uma área tradicionalmente negligenciada pelo poder público levou a Prefeitura do Rio de Janeiro a anunciar a construção do centro de mídia e árbitros no local. Entretanto, de modo a reduzir custos operacionais, a Prefeitura decidiu transferir estes equipamentos para a Barra da Tijuca, na zona Oeste do Rio de Janeiro – fato justificado pela proximidade do parque olímpico. Assim todo o discurso de promover uma grande transformação física e simbólica da zona portuária, tendo como base a diversidade de usos, uma melhor distribuição dos equipamentos pela cidade e, sobretudo, a possibilidade de se atrair novos moradores para a área central pós-Olimpíadas, perdeu a força.

⁵ A emissão e venda destes certificados criam possibilidades de se investir e financiar operações urbanas que visam recuperar áreas degradadas – onde 3% do valor seria destinado à valorização do patrimônio material e imaterial da região. Na prática, contudo, os CEPACs são instrumentos de especulação imobiliária, alterando a legislação local vigente, criando novas normas específicas do uso do solo e parâmetros urbanísticos e ambientais, aumentando o gabarito (altura) das edificações, sobretudo as de uso corporativo, além de modificar substancialmente as características do entorno construído existente.

Veja: <http://portomaravilha.com.br/web/cepac/index.html>;

<http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/imprensa/curso/sergio.pdf>



Figura 2: maquete virtual Museu do Amanhã na Praça Mauá

Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/projEspeciais.aspx>



Figura 3: áreas de intervenção do projeto Porto Maravilha – CEPACs

Fonte: <http://portomaravilha.com.br/conteudo/images/potencial%20construtivo.jpg>

Com o intuito de promover uma nova imagem e identidade para a cidade, o projeto Porto Maravilha apresenta propostas para resgatar e valorizar a história e a diversidade cultural da região. Dentre elas destacam-se: a celebração das tradições Afro-Brasileiras na Pedra do Sal (considerado o local do nascimento do samba) e adjacências; a revalorização do patrimônio cultural Africano e das ruínas arqueológicas locais; a renovação e restauro do patrimônio edificado na zona portuária; e a criação de um Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana – um roteiro que inclui vários marcos históricos importantes como a referida Pedra do Sal, os Cais do Valongo e da Imperatriz (onde os navios negreiros atracavam), o Largo do Depósito (onde escravos eram vendidos), o



Figura 5: o processo de expansão do centro do Rio de Janeiro

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9058285,-43.1928547,15z>

Conhecida como Pequena África, a área ao redor dos Morros da Providência, Livramento e Conceição retém ainda muito das suas características físicas e simbólicas originais e guarda uma parte significativa da história do Rio de Janeiro e do Brasil – construções centenárias, ruas de calçamento de pedra, igrejas e monumentos, peças arqueológicas e diversas comunidades Afrodescendentes conferem a este local seu *genius loci*, mantendo as tradições, culturas, ritos e celebrações vivas. Dentre as manifestações existentes na Pequena África, os blocos de carnaval Escravos da Mauá e Fala meu Louro, os desfiles do grupo Afoxés Filhos de Ghandi, as reuniões musicais de choro e samba na Pedra do Sal e no Largo São Francisco da Prainha, junto às recentes participações de ativistas sociais e empreendedores culturais, representam a efervescência cultural característica da área. Estas manifestações, por sua vez, coexistem com formas mais “oficiais” de ocupação do espaço urbano como a Cidade do Samba, o Galpão Centro Cultural Ação da Cidadania, o Píer Mauá, o coletivo de artistas na Fábrica Bhering e estúdios de design como o Goma e o Coletivo do Porto, que (re)descobriram a zona portuária mais recentemente.

2.2 Ritos, tradições e história como parte do processo de apropriação e ressignificação dos espaços urbanos ‘degradados’

Se por um lado os ritos, tradições e culturas locais resistem e se fazem visíveis por meio de manifestações espontâneas que, de certa forma, prezam pela sua história e pelas suas origens, por outro existe um grande interesse e empenho – por parte dos empreendedores sociais, do poder público, dos investidores – em transformar estas manifestações espontâneas em algo muito maior, para ser ‘consumido’ como parte do processo de transformação (i.e. gentrificação) de áreas degradadas. Neste sentido, há uma gradual apropriação e incorporação dos ritos, tradições, culturas e histórias locais como parte do discurso da ‘revitalização’ do lugar – algo que se tornaria bastante emblemático nos anos 1980, com a crescente atuação de movimentos pró-preservação do patrimônio cultural e edificado. O

discurso preservacionista da época era favorável a reconversão de edifícios históricos – geralmente localizados em áreas centrais – que, por sua vez, poderiam contribuir para a criação de um novo capital (cultural) para as cidades. Além disso, a transformação de sítios históricos em locais turísticos evidencia o consumo destes lugares como commodities culturais.

A ‘turistificação’ dos lugares de interesse histórico e ‘a culturalização’ das políticas públicas são dois fatores bastante significativos no processo de transformação de sítios urbanos localizados em áreas (centrais) degradadas. Este processo conta ainda com intervenções físicas significativas, como melhorias na infraestrutura e no transporte público, criação de áreas de comércio com lojas e serviços, reordenação do espaço urbano e, claro, a transformação física dos edifícios históricos. Entretanto, a ressignificação dos espaços não se dá apenas por processos de transformações físicas: há de se promover uma completa reestruturação da identidade do lugar – algo que não se consegue sem grandes investimentos, grandes projetos/ eventos, campanhas de marketing incisivas, a apropriação de elementos característicos do lugar e, eventualmente, a ação de atores sociais (locais ou não) e o movimento de inserção da chamada ‘classe criativa’ (outro nome dado aos ‘gentrificadores’).

No caso da Zona Portuária no Rio de Janeiro, este movimento de transformação física e de ressignificação do lugar vem acontecendo desde 2001, com o lançamento do Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro. Os bairros que compõem a APA-SAGAS (Saúde, Gamboa, Santo Cristo) gradualmente começaram a sofrer intervenções mais significativas na preservação do seu patrimônio material e imaterial – edifícios históricos foram tombados, ‘reconvertidos’ e modificados; ambiências e espaços urbanos foram ‘revitalizados’. Mas seria após a inauguração dos equipamentos culturais urbanos e da transformação da Praça Mauá e arredores em um polo de atração turística que aconteceria uma profunda ressignificação simbólica da Zona Portuária. Segundo Guimarães (2014), a construção do imaginário coletivo pelas mídias reforçam o caráter cosmopolita e gentrificado da região pois, ao invés de retratarem a pobreza, a miséria, a violência, os morros e as favelas, as narrativas predominantes se utilizam dos ritos, das tradições, das histórias e culturas locais como atributos positivos (i.e. ‘exóticos’) e singulares do lugar – o que, segundo as políticas patrimoniais e preservacionistas, poderia ser transformado em commodities culturais. Assim, o entorno dos Morros da Conceição, do Livramento e da Providência passou a ter um constante fluxo de visitantes e turistas (cariocas ou não), atraídos pela ‘singularidade’, pela ‘cultura’, pela ‘efervescência’ e pelo ‘mix’ de gente, de gostos, de credos, de usos e de atividades existentes ali.



Figura 6: a nova Praça Mauá (setembro 2015)

Fonte: <http://www.cidadeolimpica.com.br/arte-e-cultura-no-porto-maravilha/>



Figura 7: Cais do Valongo e da Imperatriz

Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/materias/e-o-premio/proj32.aspx>



Figura 8: o Bloco Escravos da Mauá, Pedra do Sal

Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/materias/e-o-premio/proj2.aspx>

Seguindo a lógica da mescla entre cultura e mega-eventos, estes ritos, tradições, culturas, histórias e atividades foram sendo incorporados ao discurso do Projeto Porto Maravilha como parte do grande patrimônio material e imaterial a ser preservado e explorado (i.e. consumido), sobretudo por turistas – mesmo que seja algo completamente independente e distante da proposta inicial de transformação física da região. Ainda que parte de um mesmo discurso (oficial, promovido pela Prefeitura do Rio de Janeiro e por órgãos governamentais), eventos de caráter mais ‘erudito’ acontecem paralelamente a eventos de caráter mais ‘popular’.

O ArtRua (“o maior evento de arte urbana da cidade”) e a ArtRio (Feira Internacional de Arte e Cultura, que acontece nos galpões do Píer Mauá <http://www.cidadeolimpica.com.br/um-porto-de-cultura-paratodos/>; <http://www.artrio.art.br/>); o Circuito Favela Criativa (cuja programação de shows, oficinas, apresentações, etc.. reflete a diversidade da cultura produzida nas favelas cariocas - <http://www.favelacriativa.rj.gov.br/>) e o Distrito Criativo do Porto (uma iniciativa de empresas privadas da Indústria Criativa - <http://www.districtocriativo.com.br/>); os eventos na Pedra do Sal, na Praça Harmonia e no Galpão Centro Cultural Ação da Cidadania (que realiza eventos, shows e debates sobre o tema ‘cidadania’), dentre outros, ilustram bem esta política de ‘boa-vizinhança’, onde elementos característicos do local são gradualmente apropriados pelos discursos oficiais e transformados em políticas públicas culturais e urbanas.⁷

⁷ <http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/cultura.pdf>

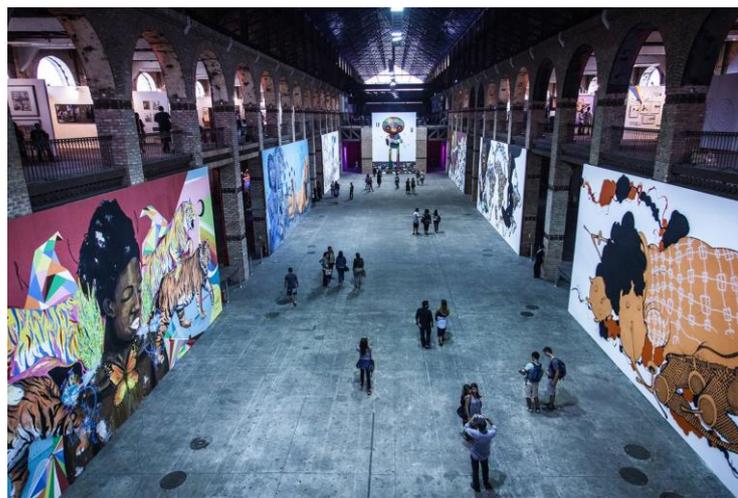


Figura 9 e 10: Galpão Centro Cultural Ação da Cidadania – ArtRua 2015

Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/fotos/2015/09/veja-fotos-da-remodelacao-da-praca-maua.html>

Na Fabrica Bhering, ateliers, estúdios, oficinas e ‘eventos criativos’ são promovidos pelos artistas-residentes (<http://www.portomaravilha.com.br/materias/e-o-premio/proj30.aspx>); já o Projeto Mauá no Morro da Conceição é um evento que abre as portas dos ateliers de artistas locais aos moradores e visitantes (<http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/cultura.pdf>). Mesmo o Museu de Arte do Rio, um dos projetos-âncora para a revitalização da Zona Portuária, tem uma programação voltada para alunos da rede pública e moradores da região, além dos eventos realizados pela sua ‘Escola do Olhar’, que ‘constituem um corpo de ação que mobiliza diferentes pesquisas, interesses e públicos’ (<http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/educacao>).



Figura 11: Fábrica Bhering, Santo Cristo

Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/materias/e-o-premio/proj30.aspx>



Figura 12: Museu de Arte do Rio (MAR), Praça Mauá

Fonte: <http://www.cidadeolimpica.com.br/mar-com-jeito-de-rio/>

Ainda que consideradas manifestações artísticas ‘marginais’, o grafite, a arte panfletária e instalações fotográficas, o teatro de rua, os eventos de hip-hop, rap e funk, etc.. vêm sendo gradualmente incorporados ao discurso ‘regenerador’ e turístico da cidade – sobretudo sob o termo ‘cidade criativa’, que explora atividades ligadas à moda, ao design, ao empreendedorismo, à arquitetura e às artes plásticas e visuais. Em 6 de setembro de 2015, a inauguração da escultura #CIDADEOLIMPICA e os eventos como o Festival Visualismo Arte, Tecnologia e Cidade, na Praça Mauá, marcaram a inauguração da nova fase da Zona Portuária – um espaço publico revitalizado, ‘inclusivo’ e certamente mais midiático.



Figura 13 e 14: painéis do artista JR, Morro da Providência

Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/545428204844547619/>

<https://www.facebook.com/JRartiste/photos/a.223461227670811.76298.223272651023002/223461237670810/?type=3&theater>



Figura 15: painel do grafiteiro Toz em uma empena cega, Saúde

Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/predio-perto-da-praca-maua-ganha-maior-painel-de-grafite-da-cidade-7459700>

Do ponto de vista crítico, formas de participação da coletividade na adoção e posterior organização de espaços inusitados podem ser instrumentos efetivos e fundamentais para a produção de ambientes públicos qualificados: é na forma de rituais que a manifestação de uma memória coletiva busca ganhar mais densidade. Neste processo de busca de concretude, espaços e elementos físicos costumam ser

incorporados aos rituais, criando a possibilidade de sofisticação e impregnação de novas simbologias. Como coloca Nora (1993, p.9) "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo".

Trata-se, então, da observação de um fenômeno de construção coletiva, com especial mobilização emocional e afetiva, "(...) só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (...) só entra na categoria se for objeto de um ritual". (NORA, 1993, p.21). Como marcos referenciais da história de um determinado grupo, os 'lugares de memória' são fragmentos, com forte importância simbólica, que servem como suporte à manutenção de uma identidade. Esse sentimento ajuda a reunir indivíduos com passagens históricas comuns, criando e fortalecendo uma aliança indenitária suportada por símbolos potentes. Nora (1993, p.13), ainda aponta que "os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais".

3 Considerações finais

Estratégias intervencionistas como o Projeto Porto Maravilha tendem a indicar somente aspectos positivos, que são consequência das ações planejadas, especulando possíveis eventos futuros. A transformação física e simbólica do espaço urbano, além da apropriação das tradições e do patrimônio material e imaterial da região, fazem parte do grande discurso de regeneração urbana da zona portuária, tendo em vista os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Entretanto, ainda que algumas ações planejadas no escopo do Projeto Porto Maravilha incluam a valorização e o (re)descobrimto da cultura local, elas se limitam a uma exploração destes elementos como bens de consumo – pouco contribuindo, por ora, no entendimento das dinâmicas, das relações sociais e dos processos históricos e simbióticos existentes. E se tratando de políticas públicas de grande alcance – sobretudo considerando o projeto de revalorização fundiária da região – era de se esperar que os projetos de intervenção urbana propostos para a área portuária do Rio de Janeiro fossem além da espetacularidade das arquiteturas e da temporalidade dos “mega-eventos”.

Neste sentido, a inserção destas atividades e dos espaços ‘revitalizados’ num plano maior e mais complexo, como o das Olimpíadas 2016, reforça o sentido de explorar a “imagem” da cidade como parte da festa. Mas a dúvida que fica é: será que o patrimônio histórico material e imaterial sofrerá uma reformulação de suas características mais significativas, se transformando em pastiche, em bem de consumo, de forma a atender aos anseios consumistas, ao invés de promover uma real “regeneração” do tecido urbano-social e celebrar a diversidade cultural da área?

3 Referências

ABREU, M. A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997

BERENSTEIN, P. J. Espetacularização Urbana Contemporânea in **Cadernos PPG-AU/ FAUBA**. Salvador: UFBA, 2004, pp 23-29

BIANCHINI, F; PARKINSON, M (eds). **Cultural Policy and Urban Regeneration**. Manchester: Manchester University Press. 1993

BOURDIEU, P. The Production of Belief: contribution to an economy of symbolic goods in MILES, M; HALL, T; BORDEN, I (eds). **The City Cultures Reader**. London: Routledge, 2004, pp 103-108

CARDOSO, E, D; VAZ, L, F, ALBERNAZ, M P; PECHMAN, R. M. **História dos Bairros.Saúde, Gamboa, Santo Cristo – zona portuária**. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/ Editora Index, 1987

DEBORD, G. **Society of Spectacle**. Detroit: Black and Red, 1983

EGLER, T. T. C. Políticas globais e resistência social na Zona Portuária in **Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR**, Salvador, 2005 (<http://www.xienanpur.ufba.br/664.pdf>)

GIANNELLA, L C. A produção histórica do espaço portuário da cidade do Rio de Janeiro e o projeto Porto Maravilha in **Espaço e Economia**, 3, 19 Dezembro 2013 (<http://espacoeconomia.revues.org/445>)

GUIMARÃES, R. S. **A utopia da Pequena África: projetos urbanísticos, patrimônios e conflitos na Zona Portuária carioca**. Rio de Janeiro: Faperj: FGV editora, 2014 (<http://editora.fgv.br/blog/tag/zona-portuaria/>)

HARVEY, D. **The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change**. London: Blackwell, 1989

IPLAN RIO. **Plano de Desenvolvimento Urbano da Retaguarda do Porto do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Planave S.A., 1989

KEARNS, G; PHILO, C (eds). **Selling Places: City as Cultural Capital, Past and Present** (Policy Planning & Critical Theory). London: Architectural Press, 1993

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, [1974], 2000

_____. **Le droit à la ville**. Paris: Ed du Seuil, 1968

MARSHALL, R (ed). **Waterfronts in Post-industrial Cities**. London: Spoon Press, 2001

MILES, M; HALL, T. **Urban Futures. Commentaries on Shaping Cities**. London: Routledge, 2001

MOREIRA, C. C. **A cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro**. São Paulo: Unesp, 2004

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris, Gallimard, v.1, 1984

_____. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1991

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Porto do Rio: Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2001

_____. Plano Diretor Decenal de 1992: subsídios para sua revisão. In: **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro: IPP e SMU, n° 2005/203, Dez. 2005 (www.armazemdedados.rio.rj.gov.br)

_____. **Relatório da Revisão do Plano Diretor Decenal da Cidade**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo, Coordenadoria Geral de Planejamento Urbano, Dez. 2008

_____. **Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro 2009–2012** (http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/243779/planejamento_estrategico_site.pdf)

RICHARDS, G; AITCHISON, C; TALLON, A. **Urban transformations: regeneration and renewal through leisure and tourism**. Eastbourne: Leisure Studies Association, 2007

RIOARTE/ IPLANRIO. **Corredor cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1985

SADLER, S. **The Situationist City**. Cambridge, MA: MIT Press, 1999

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999

VAZ, L. F. A “Culturalização” do Planejamento e da Cidade in **Cadernos PPG-AU/FAUBA**. Salvador: UFBA, 2004, pp 31-42

ZUKIN, S. Socio-Spatial Prototypes of a New Organization of Consumption: the role of Real Cultural Capital in **Sociology**, vol 24, n° 1, February 1990, pp 37-56